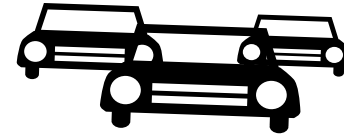




O MUNDO DE S. J. PERELMAN

S. J. Perelman

# O Mundo de S. J. Perelman



Prefácio de  
Ricardo Araújo Pereira

Tradução e notas de  
Júlio Henriques

Ilustrações de  
João Fazenda

L I S B O A :  
TINTA-DA-CHINA  
M M X I

## ÍNDICE



S. J. Perelman escreveu os textos reunidos nesta colecção entre as décadas de 1930 e 1970. Na sua maioria, foram publicados pela primeira vez na revista *The New Yorker*; alguns dos textos surgiram nas revistas *College Humour*, *Judge*, *Life*, *Contact*, *Stage* e *Holiday*.

© 2011, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *The World of S.J. Perelman*

Autor: Sidney Joseph Perelman  
© Sidney Joseph Perelman e Carlton Publishing Group

Ilustrações: João Fazenda  
Tradução e notas: Júlio Henriques  
Prefácio: Ricardo Araújo Pereira  
Prefácio à edição original: Woody Allen  
Coordenador da colecção: Ricardo Araújo Pereira  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Abril de 2011

ISBN 978-989-671-080-4  
Depósito Legal n.º 325698/11

9	PREFÁCIO <i>de Ricardo Araújo Pereira</i>
11	PREFÁCIO À EDIÇÃO ORIGINAL <i>de Woody Allen</i>
	O MUNDO DE S. J. PERELMAN
15	A beleza e a abelha
21	Abby, este é o teu pai
27	É favor afrouxar — manias perigosas mais adiante!
33	Tendências faciais em pleno Inverno
38	Corpo bonito
44	Que ando eu a fazer longe de casa?
49	Amanhã — muito nublado
55	Atendendo a que as antigas premissas estão arruinadas...
65	Tenho o coração nas Terras Altas, e o colarinho também
73	A capa em rodopio e a vénia profunda
86	Jornal embusteiro de sangue azul serrilhado, petas descaradas em desvario
95	Entre, a responsabilidade está ótima
103	Desculpe — não recebo telefonemas nem encomendas postais
111	Não me digas, ciganinha!
121	O mundo das nuvens revisitado
129	Na próxima semana no Prado: Chico Goya e um elenco monstro
138	És a minha mais-que-tudo, sem contar com o imposto sobre comércio urbano
147	Apelo a todos os desmiolados

156	Mãezinha de bom faro, não tentes enganar-me
161	A lambisgóia branca, ou através da África mais bronca com três ronceiras criaturas
169	De qual Senhora Nicotina?
175	Dá-lhe outra vez, que está sóbrio
181	Porque é que os rapazes saem de casa
187	Quanto melhor for a lábia, mais suave é a burla
194	Chama-me, que eu vou logo atrás!
203	Eine Kleine Traçamusik
213	Retrato do artista como jovem mimo
224	Monomania, eu e tu temos de romper
235	Uma corrida à experiência — toda a gente perde!
243	Querida, vou (talvez) levar-te uns brincos
251	Empresário em fuga
262	Toca a andar, meus meninos!
268	Revulsão no deserto
277	Declaro, sob pena de um batido de leite
286	Eu tive três amores, de vários sabores
294	Chamem-me Monty e prosternem-se livremente
304	Sê um brinquete! Perde muito dinheiro!
312	Cinco pequenos bíceps e como eles voavam
321	Aluado ao pôr-do-sol
331	Ouçã! De onde vieram essas indolentes de anca larga e ombro estreito?
340	Roupa interior a mais estraga os planos
349	NOTA BIOGRÁFICA

PREFÁCIO  
de Ricardo Araújo Pereira

Em *The Road to Mars*<sup>\*</sup>, Eric Idle divide os humoristas de acordo com uma taxinomia antiga: *white face* e *red nose*. O palhaço rico e o palhaço pobre, diríamos nós, embora aqui as características de cada um sejam ligeiramente diferentes das que costumam ter no circo. Na classificação de Idle, o primeiro é mais contido e cerebral, o segundo mais histriónico e irracional. O primeiro, diz Idle, representa a mente; o segundo, o corpo. O primeiro recorda-nos a presença constante da morte e o segundo não nos deixa esquecer os aspectos menos nobres do corpo humano. O símbolo do primeiro é a caveira, o do segundo é o falo. Buster Keaton, Jerry Seinfeld e John Cleese pertencem ao primeiro grupo; Jerry Lewis, Robin Williams e Harpo Marx, ao segundo. No entanto, há um certo tipo de humorista que resiste a ser incluído em qualquer das categorias anteriores, uma vez que não pertence a nenhuma — ou pertence a ambas. Charlie Chaplin, Woody Allen e Groucho Marx são bons exemplos do que parece ser um terceiro grupo, mais restrito, de humoristas que se caracterizam por serem *red nose* por fora e *white face* por dentro — palhaços pobres na aparência (ou na pose, ou no tom) e palhaços ricos na substância. S. J. Perelman é um desses humoristas.

Sidney Joseph Perelman começou por ser autor de *cartoons* (constatou depressa que estava mais interessado nas legendas do

\* Eric Idle, *The Road to Mars*, Boxtree, 1999.

que nos desenhos), foi co-autor dos guiões de *Monkey Business* e *Horse Feathers* (dos irmãos Marx) e colunista da revista *The New Yorker*. A antologia *The Best American Essays of the Century*<sup>\*</sup>, organizada por Joyce Carol Oates, inclui, entre ensaios de T. S. Eliot e Vladimir Nabokov, um texto de S. J. Perelman sobre o folheto de instruções de montagem de um brinquedo e o idioma incompreensível em que está escrito. O texto, como quase todos os de Perelman, é breve e preciso (dificilmente uma palavra pode ser substituída sem prejuízo por um sinónimo). Como quase sempre em Perelman, um assunto que um *red nose* escolheria é tratado com a contenção e a subtileza de um *white face*. Qualquer pessoa é capaz de produzir um raciocínio interessante sobre os grandes temas. Mas não há muitos escritores que consigam ser irrepreensivelmente inteligentes, eruditos e divertidos quando falam de folhetos de instruções, jornais de apicultura ou traças. A prosa de Perelman é contida, não exclama, não tem consciência da sua própria graça. No fundo, a prosa de Perelman não ri. E é por isso que faz rir mais.

PREFÁCIO À EDIÇÃO ORIGINAL  
*de Woody Allen*

Não há nenhum prosador humorista comparável a S. J. Perelman. É de facto tão simples como isto. A sua escrita destaca-se em relação à de Robert Benchley, o outro verdadeiramente grande e autêntico autor cómico e seu concorrente mais próximo. Lardner, Ade, Bill Nye, Leacock e Thurber foram muitas vezes esplêndidos, mas nenhum chegou aos calcanhares do criador de Lucas Membrane, os Wormsers, Suppositorsky e «Não sou nem nunca fui uma matriz de carne sem gordura»<sup>\*</sup>, a par de outros inspirados voos. Entre os autores actuais, nenhum alcança o instinto cómico de Perelman, a sua inventiva loucura, o seu erudito talento narrativo e os seus deslumbrantes e originais diálogos.

Nenhuma colectânea pode fazer-lhe justiça, porque o seu humor é tão inventivo e variado que, inevitavelmente, tem de ficar de fora alguma das nossas obras-primas favoritas, por força da necessária selecção. Não obstante, todas as colectâneas de Perelman são uma maravilha, porque ao longo dos anos houve sempre muitas hilariantes composições para coligir. Em geral, prefiro os seus últimos escritos, mas isto não significa que não me ria muitas vezes às gargalhadas perante as mais apimentadas pedras preciosas do início. Comecei a lê-lo na adolescência e ele nunca me decepcionou. De entre todos os autores humoristas com quem trabalhei ou com quem falei ao

\* Joyce Carol Oates, org., *The Best American Essays of the Century*, Houghton Mifflin, 2000.

\* «I Am Not Nor Have I Ever Been A Matrix of Lean Meat» (*The New Yorker*, 16-5-1953, texto incluído na colectânea *The Most of S.J. Perelman*).

longo dos anos, Perelman foi sempre o ícone mais reverenciado, o génio cómico mais amplamente imitado e o mais desanimador para qualquer aspirante a estilista de prosa divertida. Para muitos de nós, que começámos há já bastante tempo, era impossível não escrever como ele, de tal modo se mostrava dominante a sua elegante voz.

Tenho a certeza de que a presente colectânea demonstrará que não lhe fiz um elogio excessivo.

## O Mundo de S. J. Perelman

GLINTENKAM — Alguém que conheça?

CHAMPOLLION — Ahn... Espere um minuto, espere... É um bocadinho parecido com o senhor Bastinado...

GLINTENKAMP — O seu patrão?

CHAMPOLLION — Não, um bancário lá de ao pé de nós que trabalha na Financeira de Procustes.

GLINTENKAMP [*numa entoação significativa*] — Estou a ver. Continue, continue a tentar.

CHAMPOLLION — Esta aqui deste lado parece... eu diria... como um lápis numa chávena...

GLINTENKAMP — Chega. [*Para Elphinstone.*] Desenvolvimento mental esgotado. Rigorosamente, é inútil. Pode levantá-lo.

CHAMPOLLION [*ansioso*] — Passei? Vou levar as jarreteiras?

ELPHINSTONE — Limite-se a baixar a dobra das calças e finja ser uma carta a entregar por correio urgente, que a bem dizer já está em Yonkers. [*Como um só homem, Elphinstone e Glintenkamp pegam em Champollion, empurram-no para a rua e atiram com ele para o esquecimento.*]

GLINTENKAMP [*consultando o relógio*] — Bem, são cinco horas, o fim de um dia perfeito.

ELPHINSTONE — Exactamente, todos os produtos estão intactos e nem um cêntimo na caixa registadora. Digo-lhe, doutor, este negócio está a andar às mil maravilhas. Mais um ano assim e mudamos para o centro da avenida. [*Radiantes, saem ambos, para irem elaborar uma faixa publicitária, destinada à comemoração do seu colapso na revista Vogue.*]

CAI O PANO

## NÃO ME DIGAS, CIGANINHA!

Quando uma pessoa, num dia húmido, exerce o seu direito inalienável de forrar uma gaveta da cómoda com papel de jornal, para arrumar um par de camisas recentemente passadas a ferro, podemos ter a certeza de que a decalcomania inscrita no peitilho das camisas desencadeia os comentários de certos metediços. Estava eu há dias no oculista, esperando miopeamente que ele acabasse de soldar as hastes dos meus óculos, quando às tantas o homem interrompeu o serviço e se inclinou para mim.

— Ora pois — começou ele, com a satisfação que as pessoas invariavelmente ostentam ao relatarem um fiasco teatral, — já estou a ver que o *Post* de Nova Iorque não se mostrou propriamente entusiasmado com o espectáculo em cena na Segunda Avenida, *A Rapariga do Meu Sonho*.

— Onde é que viu isso? — perguntei-lhe.

— Aqui na sua camisa — respondeu ele, num tom agradável. — Quer que lho leia?

Ergueu o meu plastrão de um lado, para ver melhor, e tirou da língua uma partícula de solda que lhe dificultava a dicção.

— «Ninguém, suponho, ficou ou vai ficar muito entusiasmado com o enredo do musical údiche, *A Rapariga do Meu Sonho*, que este fim-de-semana encerrou a temporada de Edmund Zayenda e Irving Jacobson no teatro da Segunda Avenida» — leu ele. — «A história do aviador perdido no mar que fica amnésico e se torna membro de um grupo de ciganos é muito antiquada.» A parte seguinte do artigo está um pouco enrugada pelo alfinete



da sua gravata, mas diz aqui: «*A Rapariga do Meu Sonho* não está destinada a introduzir quaisquer inovações no teatro ídiche.»

— Ora, é apenas a opinião de uma pessoa — retruquei eu concisamente, aconchegando na cinta a recensão. — A ideia da peça parece-me bastante jovial.

— A mim também — concordou ele. — Mas, ouça lá, como foi que estampilhou isto no peitilho da camisa? É amigo do crítico?

— Não, ele paga-me — respondi-lhe. — Faço de homem-sanduíche para os críticos de teatro. Ontem trazia uma promoção descarada do Brooks Atkinson\*.

A novidade do processo confundiu-o de tal maneira, que tive de deixar lá os óculos e voltar para casa às apalpadelas. Mas, ao vestir a camisa ao contrário, pus-me a ponderar no resumo do enredo — e voltou a parecer-me uma coisa bastante insolente. A ideia de um piloto de aviação naufragado e amnésico que se torna membro de um grupo de ciganos, muito longe de estar ultrapassada, podia dar um musical bastante alegre, se fosse bem dirigida. (Ou seja, se o piloto tivesse mesmo amnésia; se todo o grupo tivesse amnésia, como o *Post* insinuava, o dispositivo cénico seria um nadinha embaraçoso.) Vendo bem, que tem de transcendental a premissa de um romance entre uma enfermeira da armada e um diplomata francês no ultramar, ou entre uma governanta inglesa e um potentado do Sião? No entanto, até agora, cada um destes enredos alicerçou êxitos estrondosos, tais como *Trambolhão* e *Chu Chin Chow*\*\*.

Por outras palavras, o libretista desejoso de dar forma a qualquer coisa de bom pode muito bem usar a coisa ruim que se lhe apresente; de modo que eu, animado

\* Justin Brooks Atkinson (1894-1984), crítico de teatro do *New York Times*.

\*\* *Hit the Deck*, ou *Trambolhão*, musical criado em 1927 na Broadway, onde fez 352 representações; foi levado ao cinema em 1930 e 1955. *Chu Chin Chow*, comédia musical baseada na história de *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, estreou em Londres em 1916, onde se manteve em cena durante cinco anos, com 2238 representações, mais do dobro que qualquer outro musical anterior, fazendo digressões pelo Reino Unido durante muitos anos. Foi produzida em Nova Iorque em 1917-18, correu os Estados Unidos e a Austrália, e em 1940 voltou a Londres; interrompida pelos bombardeamentos nazis, voltou a estar em cena em 1941. Teve versões no cinema em 1925 e 1934.

por esta divisa, formulei um plano geral, sucinto e praticável, que evolui naturalmente a partir da situação original. Uma vez que a produção da Segunda Avenida, escrita por Joseph Rumshinsky e William Siegel, fechou sem eu a ter visto, qualquer semelhança entre ambos os nossos empreendimentos é obviamente ilusória; na realidade, para evitar qualquer possível conflito, renunciei de forma deliberada a quaisquer temas-padrão, tais como tamborins, roubos de cavalos e sinais de nascença ocultos. Não podia ser mais correcto.

A meu ver, a nossa cena de abertura deverá ter um cheiro náutico intenso, mostrando um sítio da costa balcânica onde os ciganos costumam juntar-se — a Dalmácia, digamos. No horizonte, os famosos penhascos azuis das íngremes elevações dálmatas, e no centro do palco, meio morto pelo cruel sol da Dalmácia, deitado sobre uma balsa de borracha insuflada, está Speed Wintringham. Do seu solilóquio algo incoerente — um fundo futurista de instrumentos de sopro e de cordas sugere que a insolação pode de facto continuar dentro da cabeça dele — inferimos que o piloto se lembra de ter saltado do avião, de pára-quedas, mas de mais nada. Em resumo, é um jovem aviador americano, atraente e musculoso, temporariamente desconcertado mas sem estar doido do ponto de vista clínico. Precisamente quando as suas esperanças de ser salvo se vão perdendo, surge uma falua tripulada por ciganos. A presença destes em tais águas — ou em quaisquer outras, de resto — pode necessitar de alguma justificação, tendo em conta que os ciganos não são hábeis marinheiros; no entanto, ziguezagueando através de uma ou outra habilidosa alusão à sua inerente inquietude e à sua aversão a verem-se acorrentados, ficamos em condições de apresentar a cena com um vibrante coro, em que eles, jubilosos, batem ruidosamente com latas nas bordas do barco, não podendo assim o público deter-se em especulações. Em tais momentos, não devemos perder tempo com coisas inúteis.

Num musical que uma vez ajudei a confeccionar e que pereceu em Filadélfia, os actores, a certa altura, fizeram uma

pausa para explicar como alguns hoplitas trácios se haviam extraviado para o quarto da Dolores Gray. Quando ergueram os olhos, tiveram uma visão desimpedida que ia do interior do Erlanger Theatre, entretanto evacuado, a Chadds Ford\*. Até os concessionários de guloseimas tinham desaparecido.

Seja como for, pairando sobre as calhas em que se move o barco, autêntica orquídea no meio daqueles cardos, encontra-se uma visão adorável, de um louro pálido, chamada Darleen, cuja blusa constantemente lhe descai dos ombros — uma boa pincelada de comédia e um traje autêntico, muitíssimo astuto numa rapariga nómada. Darleen é supostamente filha do chefe daquele clã de ciganos, Stanislav, mas na confusão de arrastarmos Speed para bordo, friccionando-lhe os pulsos e reanimando-o com uma aguardente dalmata poderosa, incutimos a ideia de haver algo de suspeito sobre a verdadeira origem da rapariga. Uma simples referência oblíqua, como, por exemplo, acessos de repugnância perante a mentalidade dos seus companheiros e a maneira como se comportam à mesa, leves sinais de uma exigência miudinha com que a intriga se verá mais tarde astuciosamente compensada. Uma articulação com Speed, e Darleen, escusado será dizê-lo, sucumbe, começando a cantar «O Meu Coração Vagueia», balada que subtilmente relaciona o mar, nossa mãe comum, com as ânsias do amor. Embora não aferrada à letra que aqui vai, creio que esta balada servirá como um farol ou bóia luminosa:

Lá onde os búzios e as estrelas-do-mar rastejam,  
 Por entre as algas marinhas e as vagas da rebentação,  
 Na minha rede do mar alto uma pérola fui achar  
 Que das leis de Cupido uma sabe soletrar.  
 Meu coração vagueia mal avisto  
 Tão bisonho e triste naufragante.  
 Vou cuidar de ti e vigiar-te, remendar-te, debruçar-me sobre ti,  
 Despedaçar-te, e da minha órbita nunca mais hás-de sair.

\* Ou seja, uma abrangente panorâmica de quase cinquenta quilómetros, distância que separa Filadélfia da povoação de Chadds Ford.



## ÉS A MINHA MAIS-QUE-TUDO, SEM CONTAR COM O IMPOSTO SOBRE COMÉRCIO URBANO

**D**everei eu depreender que toda a gente conhece um magazine chamado *Town & Country*? (Se andar com sorte, acabo por ficar a saber que não há nenhum magazine chamado *Town & Country*, ou então que há cinco magazines com títulos muito idênticos — *Town & Poultry*, *Hound & Gentry*, *Grouse & Peltry*, etc.\*\*) De qualquer modo, o magazine que eu conheço é uma publicação elegante, vendida a setenta e dois cêntimos, que relata actividades dessa índole e que, por isso, não circula nas imediações dos banhos a vapor do Hotel Luxor\*\*\* nem na maior parte dos sítios por onde eu ando. Há umas semanas, todavia, quando aguardava que a laca de uma nova peruca secasse, no estabelecimento do meu fabricante de perucas, reparei que estava no móvel à minha frente um exemplar do número de Setembro e pus-me a folheá-lo. Antes de eu poder saber quais os cotilhões iminentes ou quais os clubes preferidos dos Braganças para cear após a dança, a minha aten-

\* *Cidade e Campo*. Publicação que remonta a 1846, ano em que foi criada com o nome *The National Press*; mudou durante algum tempo para *The Home Journal* e em 1901, definitivamente, passou a intitular-se *Town & Country*. Em 1925 foi adquirida pelo magnata da imprensa William Randolph Hearst, o homem em quem Orson Welles se inspirou para o filme *Citizen Kane* (*O Mundo a Seus Pés*), e desde então foi sempre propriedade da Hearst Corporation. A maior parte dos seus leitores é oriunda das classes dominantes; os anúncios são quase todos a produtos de luxo e os artigos centram-se em coisas como a moda, as artes, o *design* de interiores, viagens, casamentos, festas do *jet set* e semelhantes ocorrências.

\*\* *Cidade & Avicultura*, *Cão de Caça & Fidalguia*, *Galo Silvestre & Pelaria*.

\*\*\* O Hotel Luxor, em Manhattan, foi aberto em 1925 com uma grande estrutura para banhos públicos, destinada aos hóspedes; era seu presidente um pioneiro do movimento sionista, David Podolsky.

ção ficou presa numa singular publicidade da empresa Dayton Koolfoam Pillows.

Caso o leitor seja tão quadrado como eu, que nunca tinha ouvido falar de tal coisa, a Dayton Koolfoam não é apenas uma almofada convencional; aos olhos dos seus patrocinadores, é toda uma *mística*, quase um sistema filosófico. «Sim, a Dayton Koolfoam é *mais* do que uma almofada (...), é um modo de vida», anunciava o texto com marcante exaltação, «porque a sua reposante aptidão, estimuladora do sono, rejuvenesce-o para um outro dia. E é *mais* do que espuma, porque o seu processo de fabrico, com patente registada, proporciona uma única e aveludada superfície com “abertura de poros” que garante uma permanente circulação de ar puro.» Contudo, o que mais me prendeu, em particular, foi a sobreposta fotografia a cores de uma jovem fidalga em pleno devaneio perante o bilhete de um seu apaixonado galanteador, o qual continha o seguinte pedacinho de merengue: «Querida Betty, (...) estar longe de ti faz com que cada dia pareça uma semana, e cada semana um mês. Aqui te deixo um beijo (...), guarda-o debaixo da tua Koolfoam e sonha comigo.»

Esta inveterada predisposição do publicitário para encostar ternamente o seu produto à vida emocional do consumidor e ajoujar-lho em cima não tem, é claro, nada de novo. A Brand Names Foundation, Inc.\*, organização que se dedica a promover a consciência do público a respeito dos rótulos, chama a atenção para este assunto desde há já bastante tempo. O seu esforço mais tocante foi talvez o anúncio, há coisa de um ano, em que se via uma família mudar de casa para uma cidade estranha, onde não tinha amigos nem quaisquer raízes. Todos os membros dessa família se sentiam acabrunhados com a mudança, mas, segundo rezava o meu exemplar, não havia motivo para desesperarem. À mão de sementar havia produtos anunciados em todo o país que restabeleciam o sentido de parentesco e continuidade — velhos compinchas, deduzi eu, tais como a esfregona O-Cedar para

\* Fundação dos Nomes de Marcas Registadas, S.A.

a Mãe, a alegre latinha vermelha de tabaco Príncipe Alberto para o Pai, a pomada de calçado Quivi para o Menino e o sumo de uvas Mogen David para a Menina. E ainda, como poderia acrescentar-se, uma selecção completa de pistolas de confiança, para o caso de as coisas passarem a ser mesmo intoleráveis.

Admitindo que a Koolfoam foi pioneira em polinizar por cruzamento o amor e o comércio, a minha única objecção à romântica correspondência destas coisas é que ela tantaliza, em vez de esclarecer; mal começa a dar à conversa um rumo apelativo, logo sai dessa corrida. Qual será exactamente o estatuto do companheiro de epistolografia da jovem, para ele lhe falar ao travesseiro com tanta desenvoltura? A maior parte dos homens, pelo menos nos estádios iniciais da corte, não tem a mais leve ideia sobre se as suas queridas dormem em cima de lã de Utica\* ou em cima de serapilheira, e mesmo depois de se estabelecer um *modus amandi*, raramente se interrogam acerca da preferência delas pelas almofadas. Se a rapariga quiser sabê-lo, só atirando-lhe com a sua própria almofada, num momento arapazado, quando estão a divertir-se na *garçonnière* dela, mas num momento desses ninguém com sangue vermelho nas veias se põe a analisar marcas registadas... Desculpe? Como diz? Ah, pensei que tinha dito qualquer coisa. Se, por outro lado, a sedutora tencionar ser uma jovem mãe de família, devemos nós presumir que ela e o marido costumam trocar cartas de amor que lhes são entregues com publicidade? Quanto mais reflectimos neste assunto, mais tudo isto se torna opaco; e, como toda a gente sabe que uma reflexão intensa pode facilmente levar a razão ao desvario, gostaria de fazer uma proposta.

Tenho aqui, por uma coincidência que as pessoas com tendência para cambalear podem julgar desconcertante, uma série de cartas de conteúdo muito semelhante ao da Koolfoam, e penso que uma leitura atenta desta epistolografia pode ser proveitosa para o leitor atento. Encontrei as referidas cartas numa

escrivadinha que comprei na semana passada, num leilão rural, e cujo anterior proprietário, um nosso amigo de curso, apanhou precipitadamente um avião, antes da venda, com vista a uma prolongada estadia na Europa. Normalmente, eu teria hesitado em publicar estas cartas, devido ao sabor íntimo que contêm, mas como ele não deixou nenhuma morada para onde pudesse fazer-lhe seguir o correio e como entretanto já mudou de nome, com toda a certeza, creio que não violarei quaisquer confidências. A senhora em questão, que mostra ter procedido com enorme competência até aqui, pode muito bem desenrascar-se sozinha.

8 de Setembro

ADORÁVEL GUY,

Suponho que irás pensar que eu sou uma pateta tonta por te estar a escrever isto, mas senti que tinha simplesmente de pedir desculpa pelo comportamento do Eliot no outro dia ao jantar. Além disso, não consigo resistir à mínima oportunidade de usar a minha nova Parker 51, que, como sabes, suaviza imenso o trabalho da correspondência. Já reparaste, a propósito, que o seu depósito com aspiração de vácuo, protegido por patente e com um conceito revolucionário no *design* de canetas, evita os pingos de tinta? É isso mesmo: podemos dizer adeus aos dedos sujos de tinta e aos aborrecidos borrões. O papel de carta e os sobrescritos são, evidentemente, Eaton Wedgwood, disponíveis em onze atraentes cores. É uma espécie de imagem de marca para as pessoas exigentes como eu, que apreciam as coisas mais refinadas. Guy, ias adorar o encantador livrinho gratuito que eles oferecem, intitulado «O Romance do Papel». Porque não o encomendas já?

Receio que o Eliot te tenha causado uma impressão muito desagradável quando chegaste, mas ele, coitado, constipou-se quando vinha do escritório para casa, e em vez de usar o inalador Vicks, como recomenda o teu médico ao primeiro sinal de defluxo nasal, bebeu praticamente uma garrafa inteira de Haig & Haig. É mesmo o favorito dele, e aposto que é em toda

\* Cidade manufactureira do estado de Nova Iorque.

a parte a escolha das pessoas refinadas, porque é leve, sem ser denso, e equilibradamente defumado, sem ser claro. Mas, enfim, o velho monstro do ciúme surge sempre no Eliot quando bebe muito, de maneira que se pôs a fazer-me um interrogatório implacável a respeito de onde te encontrei, etc. Por sorte, já conheço bem estes seus estados de espírito; se eu tivesse deixado escapar que a bem dizer tínhamos marcado encontro no *foyer* do Bellevue-Stratford, tinha-te matado à pancada quando entraste. Por isso, comportei-me de modo muito vago — do género conversa fiada de colegas —, o que o levou a acalmar-se prontamente. O ar carrancudo dele e o movimento brinçalhão de ir direito a ti com a faca de trinchar eram apenas uma forma de se exhibir. A propósito de faca, reparaste no nosso serviço de jantar? É um modelo Corham's Damascene, o apogeu da elegância para a dona de casa anfitriã. Para se obter esta cutelaria, a mais encantadora de todas, foram precisos anos e anos da experiência que lhe prodigalizaram verdadeiros mestres artesãos.

Estás por acaso disponível nesta quinta-feira? O Eliot tem de ir de avião a Cincinnati e fica lá de um dia para o outro, por causa de um qualquer fastidioso simpósio de seguros, e eu pensei que podias gostar de dar uma telefonadela e apanhar o que vier à rede. Claro, não será muito emocionante, só nós os dois, mas eu arranjo um desses divinais presuntos Hormel — eles são mesmo de primeira qualidade, com aquele seu conteúdo nutritivo, de fazer crescer água na boca, que é fechado hermeticamente, em cada uma das latas, em gigantescos fornos sob pressão — e depois podemos preguiçar junto à lareira, e falar, se for preciso. Estou ansiosa por ter uma oportunidade de pavonear a minha nova camisa de noite de seda Bergdorf Goodman. É tão excessivo o Eliot não me deixar usá-la quando temos companhia! E creio que não é justo alguém ausente em Cincinnati impor os seus caprichos às pessoas, não achas? Vamos dar-lhe uma lição.

Afectuosamente,  
BRENDA

17 de Setembro

MEU QUERIDO GUY,

Estou certa de que nunca me hás-de perdoar por ter aparecido sem avisar no teu solitário retiro de solteiro, ontem à tarde, e espero que não penses que fui muito descarada. É escusado dizer que não me teria passado pela cabeça agir tão impulsivamente, se não fosse ter-me parecido que era a única maneira de escapar ao meu dilema. Estava tão molhada e exausta, depois de me ter perdido naquelas tortuosas estradas secundárias, que quando vi a tua caixa do correio quase soluicei de alívio. E, quando insististe para me livrar sem cerimónia das minhas coisas húmidas e beber contigo aquele ponche quente, até podia ter-te abraçado. Ou tê-lo-ei feito? Vejo tudo um pouco vago, mas pende claramente para o lado do feitiço. É essa também a tua impressão?

A propósito, adoro o primeiro andar do teu covil, a forma imaginativa como trataste as paredes e os tectos — com Kem-Stone, não foi? Este produto cria uma patina tão convincente, e os empreiteiros, tal como os donos da casa, têm tanta confiança na sua durabilidade! E tão lavável que ele é; as teias de aranha e o cotão desaparecem com uma simples passagem do pano de limpar o pó. Na verdade, tudo o que fizeste foi calculado para arrancar «ohs» e «ahs». Com uma única excepção. Renegas-me se eu fizer uma pequenina crítica, meu mais-que-tudo? Ao intrometer-me na cozinha, vi que o teu frigorífico precisa de ser descongelado. Pronto, Guy, ambos sabemos que a enganadora economia de um frigorífico tem como consequência facturas de electricidade colossais, como conclusivamente revelam imparciais vistorias. Não adies uma visita ao teu revendedor Westinghouse, para veres a deslumbrante nova linha dos modelos para 1957. O generoso desconto que desde há muito se obtém entregando os velhos modelos para abate torna agora possível, em certos casos, ficarmos, não só com um modelo recém-fabricado, mas também com um ganho em dinheiro de várias centenas de dólares. Caramba, não ouves como ronrona o orçamento de toda a gente?

Vou dizer-te um segredo, se jurares que não o contas a ninguém: estou a ficar muito pouco preocupada com o Eliot. Acometem-no os maiores furores de ciúme a respeito de tudo e de nada. A noite passada, por exemplo, virou-se de repente contra mim para saber onde é que eu tinha encontrado a camisa desportiva de madrastra, da Brooks, que tu me emprestaste. Diabos me levem, quase me fez perder as estribeiras e me pôs à beira de dizer-lho; mas o instinto salvou-me. Disse-lhe que a tinham enviado da lavandaria, por lapso, com a roupa dele. Ficou de olhos fixos na camisa o tempo todo, a tentar situá-la algures, porque, claro, tu trazia-la vestida na noite em que ele te encontrou. Não é hilariante? Eu sabia que isto te divertiria.

Um passarinho vidente sussurrou-me agora qualquer coisa ao ouvido. Disse-me que na próxima segunda-feira, por volta das duas e meia, vou estar no bar do Hotel Carverstown, em busca de malandrice, a uma daquelas mesas do fundo que ficam na obscuridade. Se por acaso passares nessa altura por Carverstown, seria engraçado ver se ele acertou. Não ficas a roer-te de curiosidade? Eu fico.

Impacientemente,  
BRENDA

1 de Outubro

MINHA DOÇURA,

Nunca tinha visto nada tão estranho como a maneira como nos encontrámos ontem de manhã, por mero acaso, na secção de acolchoamento do Bloomingdale's. Claro que eu sabia que tu vais muitas vezes a Nova Iorque durante o dia, mas que sítio inverosímil para os semelhantes se encontrarem! Não fomos uns clientes muito perfeitos, pois não? E no entanto vi muitas coisas tentadoras quando íamos a sair — aqueles tapetes Gulistan de 22,5 por 30, cujos ricos e brilhantes padrões completam qualquer mobiliário, independentemente do período a que pertença, o novo misturador Waring, que faz tão depressa, quando aparecem visitas inesperadas, pudins e molhos recheados de espuma,

enfim, uma grande abundância de robustos aparelhos concebidos para alegrar o coração das donas de casa. Logo que tiveres oportunidade, tens de prometer levar-me lá, para dar uma vista de olhos aos equipamentos de cozinha.

Os *escargots* do teu restaurantezinho francês da Rua 53 estavam uma delícia, e quanto aos *cocktails* de creme de hortelã com brande, nem sequer me lembro de ter saído. Para onde fomos nós depois? Tenho a vaga lembrança de um elevador automático, da tua desproporcionada preocupação com um atacador dos sapatos, e do que me lembro depois é do revisor a abanar-me e a mandar parar na Flemington Junction. O Eliot estava possesso, quando apareci de táxi. Parece que ele me tinha deixado o carro no sítio que combináramos ao pequeno-almoço, mas eu mal podia concentrar-me, quanto mais lembrar-me de um detalhe daqueles. Para piorar as coisas, uma abelhuda qualquer — aposto que foi a Ailsa Spurgeon, ela sempre me odiou — tinha-lhe telefonado e dissera-lhe que nos reconheceu a sair do Hotel Carverstown na semana passada. Bem, devias ter visto a sessão de fogo-de-artifício. Toda a casta de ferozes ameaças de não te deixar com um osso inteiro, de contratar um detective privado e de não sei mais o quê — mera fanfarronada, naturalmente, visto ele não ter a mais ínfima prova, com excepção da fivela do teu cinto com monograma, que cá deixaste cair na noite em que ele estava em Cincinnati. Ainda pensei dizer-to, mas detesto análises póstumas, não achas bem? São tão desanimadoras!

Na quarta-feira, devo estar em Filadélfia num almoço com ex-alunas — pelo menos o Eliot está convencido disso e parece-me despropositado decepcioná-lo. Digamos: à uma na secção de teologia da Livraria Leary? Estarei com um ar devidamente recatado, para encaixar na paisagem, mas no ambiente certo posso transformar-me numa bacante. Envio-te aqui um beijo... guarda-o debaixo da tua cafeteira Chemex e aquece o café em cima dele.

Devoradoramente,  
BRENDA

Limpei a minha secretária, apanhei um táxi até ao «21» e almocei durante quatro horas com a rapariga mais linda que conhecia — uma boneca parecida com a Aileen Pringle\*. No fim do repasto, de certo modo, pude expurgar as indignidades do Bluestone, assinando o nome dele num cheque de noventa dólares.

Infelizmente, *Vamos Saltar o Jantar* não justificou o prognóstico do seu produtor como êxito do século. Na realidade, a invectiva que acolheu a peça em Nova Iorque teria confundido até mesmo um conhecedor tão competente como Hugh Kingmill\*\*. Estiveram presentes os críticos suplentes, que usavam uma única camada de roupa interior, os quais lhe atribuíram o labéu de mais incipiente alucinogénio do ano, de praga mais mortal surgida no mundo do entretenimento desde *A Escala*\*\*\*. Bluestone sumiu-se logo para a televisão, onde rapidamente lhe foi entregue a chefia de uma estação. Passados seis meses, quando me candidatei, através de um intermediário, a um emprego na secção de imprensa, mostrou-se duro como uma pedra.

— Não quero ouvir falar desse filho da mãe — resmungou.  
— Esteve envolvido num dos meus piores desastres.

\* Actriz de teatro e do cinema mudo (1895-1989), ligada à intelectualidade de Hollywood e de carácter altivo, que teve a particularidade de desdenhar da sua própria carreira.

\*\* Jornalista, romancista e ensaísta literário britânico (1889-1949), de estilo versátil e espírito sardónico.

\*\*\* *The Ladder*, peça de J. Frank Davis encenada em 1926 no Mansfield Theatre, da Broadway. Apesar de ridicularizada por quase toda a crítica, foi o quarto maior êxito de público na história da Broadway. Isto porque se baseava na filosofia da reencarnação e porque um outro grande adepto desta crença, milionário da indústria petrolífera, nela investiu quase um milhão de dólares, nomeadamente em entradas gratuitas.

## NOTA BIOGRÁFICA

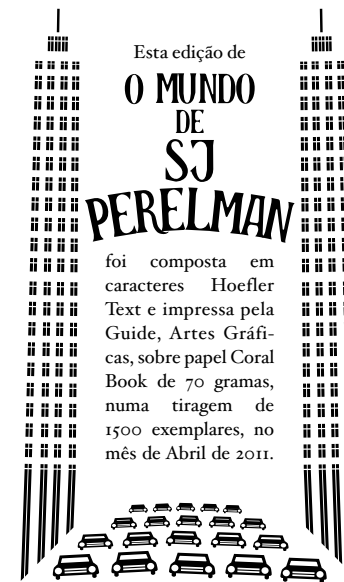
HUMORISTA, ESCRITOR E ARGUMENTISTA, SIDNEY JOSEPH PERELMAN nasceu em Brooklyn, Nova Iorque, a 1 de Fevereiro de 1904, no seio de uma família judia de origem russa, e cresceu na cidade de Providence, Rhode Island.

Em 1921, Perelman entrou para a Brown University. Foi durante esta época que aperfeiçoou os seus dotes no desenho, ao juntar-se à equipa do jornal humorístico universitário *Brown Jug*, de que chegou a ser editor. Em 1925, após abandonar a faculdade sem completar qualquer grau académico, Perelman aceitou um emprego como cartoonista na revista *Judge*. Em 1929, casou com Lorraine West e, no mesmo ano, publicou o seu primeiro livro, *Dawn Ginsbergh's Revenge*. No ano seguinte, conseguiu o primeiro trabalho como colunista, na revista *College Humor*.

Nas décadas de 1930 e 1940, Perelman trabalhou intermitentemente em Hollywood, colaborando enquanto argumentista com a indústria cinematográfica e, sobretudo, com os irmãos Marx e a Paramount Pictures. Todavia, Perelman nutria um declarado desprezo pelo estilo de vida hollywoodesco, admitindo que a sua única motivação para este trabalho era o dinheiro. Ainda assim, o seu argumento do filme *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*, adaptação para o ecrã do romance de Júlio Verne, foi galardoado com um Óscar da Academia. Em 1935, o humorista iniciou uma duradoura colaboração com a revista *The New Yorker*.

Ignorado pela academia e não raras vezes criticado pelo seu alheamento da realidade política e social, acusado de inferiorizar os seus pares humoristas devido a um espantoso domínio linguístico, Perelman publicou cerca de vinte livros em vida. Foi o primeiro escritor a receber o prémio literário Special Achievement, criado pela National Book Association, efeméride que levou Richard Locke, do *The New York Times*, a descrevê-lo como «o Picasso da prosa americana contemporânea».

Sidney Joseph Perelman morreu a 17 de Outubro de 1979, em Nova Iorque.



Esta edição de

**O MUNDO  
DE  
SJ  
PERELMAN**

foi composta em  
caracteres Hoefler  
Text e impressa pela  
Guide, Artes Gráfi-  
cas, sobre papel Coral  
Book de 70 gramas,  
numa tiragem de  
1500 exemplares, no  
mês de Abril de 2011.